

Conclusão

Ao longo dos capítulos apresentados, foi possível observar o lugar do modernismo fluminense e de suas propostas no pensamento político e intelectual fluminense no início do século XX. A modernização do Estado do Rio de Janeiro e seu reposicionamento na nacionalidade eram temas relevantes, inerentes às preocupações intelectuais da época.

Diversos caminhos são trilhados para a afirmação do moderno no contexto estadual: a formação cívica, a educação, o diálogo com a política, as questões da salubridade, enfim, o progresso de todo âmbito fluminense, que começava a partir da sua capital, Niterói.

Em diversos momentos, o discurso de seus redatores procurava mostrar que o Estado do Rio de Janeiro era mais que o vizinho do Distrito Federal, visto que tinha muito a oferecer. Na proximidade com os cariocas, buscava-se positivar a representação dos fluminenses e equipará-los à “Cidade Sol”²⁹⁴, ao modelo de modernidade que era a cidade do Rio, principalmente, depois das reformas urbanas de 1905. A procura por um espaço identitário é compreensível, afinal,

“Por mais que seja, pois, o espaço fluminense, o estado do Rio é sempre aquele estado que se acha fronteiro à grande metrópole [...] O mineiro pode ter seus hábitos e o carioca os respeita, assim como os outros estados. Mas o fluminense não pode ter. Se é certo que ele não evolui com a precipitação do carioca, porque não será submetido às mesmas influências, a verdade é que a proximidade da capital sempre exerce sobre o estado essa influência demolidora, que não lhe permite criar uma personalidade própria, um caráter étnico, moral ou social que o tipifique. O carioca toma-o então a sua conta e tudo quanto se refere ao estado do Rio, ao vizinho estado, é envolto nesta gaze de ironia que não permite a apreciação verdadeira.”²⁹⁵

Essa falta de autonomia identitária de Niterói, o fato da política fluminense estar muito ligada aos cariocas, suscitou, inclusive, uma discussão sobre a mudança da capital para o interior. Logo, refletir sobre uma identidade fluminense

²⁹⁴ Marly Motta usa esse termo para definir a cidade do Rio às vésperas do centenário da nação, quando todo um movimento de embelezamento e remodelação foi instaurado para transformá-la no cartão postal do país. Marly Motta (1992). *op. cit.* p. 47-66.

²⁹⁵ Maurício Medeiros. Sessão ordinária de 1920. Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. **Anais**. Apud Marieta de M. Ferreira. In: Ismênia de Lima Martins; Paulo Knauss (orgs). *op. cit.* p. 80.

e enfatizar a modernização de Niterói, tornaram-se um ponto central no programa de *A Revista*.

E podemos observar que esse debate deixou legados para os dias atuais. É comum ouvir a expressão, repetida pelo senso comum, “o melhor de Niterói é a vista para o Rio de Janeiro”. Para ilustrar, podemos citar Carlos Couto, um letrado fluminense, que no mesmo ano da inauguração da ponte Rio-Niterói, publicou um livro reunindo suas poesias. Reproduzo aqui alguns trechos de um poema seu:

“Vou escrever, meus irmãos,
Sobre um doce amor antigo
Que desejo dividir... (...)

Dizem:
“Uma cidade quadrada
Tua pobre Niterói...”

Por isso,
Bem posso contar pro mundo
– Principalmente para Eles
Que estão começando a vir –
Os “porquês” de Niterói. (...)

Primeiro, foi a Praia Grande!
Araribóia que o diga: (...)
Que ele chegou e... ficou.

Viera para brigar...
E ficou para ser estátua!

E a aldeia passou a Vila
E a Vila virou cidade!
E a Cidade?... Capital!
Sempre com gente chegando,
Sempre com gente empedrando! (...)

Por isso a Cidade aumenta!
(Não por modos de dinheiro)
Muitos vêm e poucos partem,
Perdendo a pressa e o ódio,
Ganhando raízes boas
De sentimento e ternura!

E agora Marcianos
Chegam, apressadamente,
Só para receber a Ponte
E afirmar que sabem tudo...
Temos que pensar nos Gregos
Ou, então, nas imbaúbas
Da Serra da Cala a Boca
Que, apesar da opressão

De outras árvores mais fortes,
Levantavam alto suas copas
Em gritos de Liberdade.

Mas as gentes lá de Marte
Não vencerão Niterói
Terra boa, santa terra
Que conquista e não conquistam (...)

Então...
Volta para onde vieste,
Marciano, lanfranhudo
Carioca ou estrangeiro! (...)

E Niterói crescerá,
Continuará a estufar
Com gente vinda de longe
Trazendo seu coração
Empoeirado de tudo
Ansioso por se lavar,
Em nossa água escondida!
Vinde! Vinde! Marcianos,
Niterói não vai mudar...

Nossa morrenta Cidade
É receita de amanhã,
É cadinho de linguagens,
Já cansadas de Babel...
É um conjunto de gentes
Falando a língua das mãos
Que se dão e que se aquecem,
Sem pensar em paga ou preço!

Vinde! Vinde! Marcianos,
NITERÓI VOS MUDARÁ!”

O livro – que já na introdução dizia-se que os ares provincianos de Niterói tinham ficado para trás – foi nomeado pelo poema mais significativo, e citado anteriormente, “Crônica bem ritmada para ensinar marciano a virar niteroiense”²⁹⁶. O autor denomina os cariocas de “marcianos” e cria toda uma imagem explicando os “porquês” de Niterói. Começa pela sua história, mencionando o Araribóia, as belezas naturais dessa “água escondida”²⁹⁷, a trajetória cidadina até chegar à capital do estado e virar paixão daqueles que lá

²⁹⁶ Carlos Couto. **Crônica bem ritmada para ensinar marciano a virar niteroiense**. Rio de Janeiro: Editora da livraria São José, 1974. p. 51-58. Todas as citações nesse parágrafo referem-se a esse texto.

²⁹⁷ O significado em tupi de Niterói é niteró (escondido, oculto), i (água). Água escondida, água oculta.

moram, pois “muitos vêm e poucos partem”. Em outro trecho, cita mais de trinta patrimônios da cidade, entre lugares, pessoas e sensações.

Quando chegam os “marcianos” e a ponte, que pensam que “tudo sabem”, é um momento significativo do texto, quando a afirmação dos niteroienses acontece. A imagem das imbaúbas – que sobem mais alto que as demais árvores, e que podem ser até consideradas mais fracas por seu caule, mas suas copas são as mais altas e as libertam da opressão – constrói uma analogia para a representação dos fluminenses. A escrita de Couto se encerra com a possibilidade de uma inversão: seria Niterói que mudaria os “marcianos”, e não a ponte, com seu acesso mais rápido à cidade do Rio, que transformaria os niteroienses.

A poesia é sugestiva na medida em que demonstra a preocupação da intelectualidade niteroiense com a identidade da cidade, dos fluminenses como um todo, que têm Niterói como um marco referencial.²⁹⁸ Assim é *A Revista*, um periódico ilustrado, que desejava entreter, divertir seus leitores através de poesias, literatura, notícias sociais; mas que tinha um projeto maior, um discurso de modernidade para o estado, começando na sua antiga capital, Niterói.

A Revista foi criada com esse propósito e, portanto, produzia um contexto favorável para a reconstrução do estado, identificava-o com o Brasil, através do civismo, da propaganda da nacionalidade. Suas páginas configuraram-se como espaço de debate, uma comunidade discursiva, na qual os parâmetros de um modernismo fluminense foram se delineando, recebendo diferentes possibilidades e sentidos, mas com o fim último de dar uma feição moderna aos fluminenses.

O presente trabalho procurou mostrar a polifonia do modernismo, que além de cânones já referendados – como o modernismo paulista e a Semana de Arte de 1922 –, foi, também, um movimento múltiplo. O seu argumento de utilizar a literatura para rever a nação é um eixo central, presente em outras manifestações, mas com distintas acepções do que é ser moderno. A cultura surge como um espaço de luta na produção de significados. Diversos “modernismos” apareceriam, especialmente na década 1920, e o modernismo fluminense teve um

²⁹⁸ Em nossa pesquisa observamos a perpetuação e contemporaneidade do debate sobre a identidade fluminense. Nossos intelectuais modernistas a pensaram pelo viés do moderno, mas ao longo da história do estado, principalmente a produção intelectual de Niterói, preocupou-se com a imagem dos fluminenses. Esse dado abre a possibilidade de uma pesquisa mais densa, que abrangesse uma temporalidade maior, ao perceber as diversas formas de produção de subjetividades para o Estado do Rio de Janeiro, conforme ilustrado nos poemas de 2005, na introdução, e de 1974, nas considerações finais dessa dissertação.

espaço particular nesse amplo movimento que repensou o país. Suas prerrogativas, seu texto não se preocupava tanto com as questões estéticas, estavam voltadas, primeiramente, para refletir sobre a alteridade da sua população.

Ao discriminar os atores sociais, que participaram dessa empreitada, observamos o papel central dos intelectuais. Homens de letras, muitos integrantes do funcionalismo público do Estado do Rio e interioranos, que criavam em Niterói a prática intelectual. Essa característica é relevante para refletirmos sobre o aspecto regionalista do periódico, que fazia incursões nas diversas municipalidades, que estendia o significado do ser moderno para todo território fluminense. Não ser oriundo de grandes centros, como o Distrito Federal, representou um aspecto diferenciado a esses letrados, influenciou suas propostas, que, por sua vez, transformou o projeto de redação de *A Revista*.

As vivências da intelectualidade fluminense, ou seja, a sua sociabilidade, seus locais de circulação foram, igualmente, fundamentais na compreensão da escrita de *A Revista*. A troca de idéias foi uma condição para a existência do grupo que a dirigiu. Em nossa pesquisa, observamos como a rede que se constitui em torno do periódico, espacialmente concentrada em Niterói, esteve intimamente relacionada aos assuntos que emergiam em suas edições.

A educação, por isso, foi um tema relevante. Além de fazer parte da regeneração da nacionalidade, ainda se confirmava como um *locus* de sociabilidade dos redatores de *A Revista*. Ligados a algumas instituições de ensino, elaboravam matérias sobre a educação no estado fluminense, identificando-a como um indicativo da modernidade. A *Escola Normal*, o *Colégio Brasil*, o *Salesianos* faziam parte dessa trama; e, de suas salas de aula, saíam diversos colaboradores do periódico.

Dessa maneira, podemos citar as artes e a literatura como um outro espaço de troca. A revista era literária, seus redatores antes de jornalistas eram poetas, portanto o incentivo às letras é notório em suas páginas. A Academia Fluminense de Letras é simbólica para esse entendimento. Os fundadores dela estavam entre os redatores do periódico. A agremiação e o peso que uma Academia oferecia a movimentação literária do estado era ressaltada constantemente. Daí a significância que o livro *Collar de Pérolas* adquiriu, sendo um reduto dessa intelectualidade.

Outros atalhos foram percorridos até o ideal do moderno. Esses, também, se configuraram como núcleos da permuta intelectual. A ciência – pensada a partir da salubridade e de melhorias na saúde – e o progresso – entendido como sinônimo do industrialismo, do crescimento do comércio e das reformas urbanas – demonstraram um intenso diálogo de *A Revista* com a política. A sua parcialidade ao propagar os feitos da administração vigente é um dado que colabora para a compreensão da sua longevidade.

E todos esses aspectos foram, principalmente, enfatizados nos números dos centenários. *A Revista* aproveitou as festividades do Centenário da Independência e da Fundação de Niterói para lançar edições especiais e divulgar seu programa. Nessas comemorações foram criadas memórias, utilizando a história e a volta à tradição, para realçar os grandes feitos e a feição moderna dos fluminenses.

Assim era *A Revista*, periódica, por isso tradutora de uma nova linguagem que buscava dar conta do acelerado ritmo das transformações do início do século. Literária, por ter um corpo dirigente ligado às letras, por usar a cultura como forma de transformação social. Modernista, por seu discurso que delineava a modernização do estado, ao mesmo tempo em que redefinía a identidade cultural dos fluminenses.